

#### 4. Considerações geraes

Como dissemos já, o campo do valle de S. Martinho é uma necropole da epocha neolithica. Attesta esta asserção a coexistencia com as ossadas humanas do mobiliario funebre que corresponde áquelle periodo.

As manifestações da arte adeantada que se póde verificar pela execução da peça de osso indicada na fig. 6, e dos objectos de calcareo, principalmente os das figs. 7-10, bem como da ceramica de ornamentação opulenta e de fórmias aprimoradas, tudo nos leva a considerar esta estação como pertencendo aos fins do periodo raubenhensiense.

Até ao estado actual das explorações o mobiliario é neolithico puro; não se encontrou o menor vestigio de metal. Não podemos, porém; ainda affirmar que esta estação não pertença ao periodo de transição do neolithico para a epocha dos metaes; mais só o apparecimento de algum objecto de metal nos poderá legitimamente levar a essa hypothese.

A fórma dos monumentos sepulcraes é indicação favoravel para despertar esta última hypothese. Com effeito, estas pelo seu typo aproximam-se muito dos monumentos alcalarenses, e na necropole de Alcalar, a par do mobiliario muito semelhante ao que descrevemos, foram encontrados alguns instrumentos de cobre.

Presumimos que novas excavações feitas no campo do valle de S. Martinho, onde fizemos esta exploração, não só poderão vir enriquecer consideravelmente a collecção interessante com que foi engrandecido o Museu Ethnographico Português, mas que hão de trazer novas luzes para esclarecer tantos pontos de ethnographia antiga, que por emquanto se não podem definir positivamente.

Lisboa, 30 de Julho de 1896.

MAXIMIANO APOLLINARIO.

---

#### A «Cruz de Portugal» em Silves

Ao forasteiro que fôr de S. Bartholomeu de Messines a Silves deparar-se-ha, depois de passada a ribeira de Enxerim, uma antiga, porém linda, Cruz de marmore branco, com 6<sup>m</sup>,0 de alto, tendo, numa

das faces a Imagem do Redemptor e na outra, sobre um capitel e encostada á Cruz, a Imagem de Nossa Senhora da Piedade<sup>1</sup>.

A tradição e os livros só nos dizem ser esta Cruz antiga, de tempo immemorial e ser conhecida pelo nome de *Cruz de Portugal* e marcar o centro da antiga cidade<sup>2</sup>.

A belleza d'este monumento, a sua antiguidade, despertam curiosidade ao mesmo tempo que veneração. Chamar-se-lhe *Cruz de Portugal* parece ser explicação de ter ella ido de Portugal, ou para ali ter sido levada por gente de Portugal.

Quando foi para ali aquella Cruz e qual foi o fim d'ella?

Ignora-se.

Sabe-se que, no fim de cinco seculos inteiros de denominação arabe, foi a cidade de Silves conquistada (em 1189) por El-Rei D. Sancho I, instaurando nella a Cathedral do Algarve, que tivera outr'ora a sua séde na antiga *Ossonoba*, que havia sido destruida pelos mouros.

Sabe-se igualmente que em 1191 (no fim de anno e meio) tornou a passar para o poder dos mouros, e que no fim de quarenta annos (em 1232 e seguintes), foi no reinado de El-Rei D. Sancho II, reconquistada pelos Cavalleiros de Sanct'Iago, commandados pelo illustre D. Paio Peres Correia, então Commendador de Alcacer do Sal; e que Sylves continuou a ser séde da Sé Algarvia até 1557, epoca em que foi transferida para Faro, onde tem estado e está.

Datará a Cruz de Portugal da tomada de Silves, no reinado de El-Rei D. Sancho II, e commemorará este acontecimento? ou commemorará o local onde foi restabelecida a Sé ossonobense?

A resposta não está facil, pois *em tanta antiguidade não ha certeza*.

Ordinariamente, erigiam-se cruces nos cemiterios ou nos logares onde, por qualquer circumstancia, se tinham feito enterramentos; porém essas cruces eram geralmente simples, sem imagens, salvo algumas excepções. Na idade media levantavam-se muitas vezes cruces de pedra nas encruzilhadas dos caminhos, no meio das praças publicas.

<sup>1</sup> Na estampa lithographica junta, cópia de um desenho feito pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Ema Nobre, de Silves, está representada a imagem do Redemptor e as partes visiveis do capitel do lado opposto.

<sup>2</sup> *Memorias do Bispado do Algarve*, por Silva Lopes, 1848.

*Chorographia Moderna do Reino de Portugal*, vol. v 1876 (artigo *Silves*).

Tambem muitas vezes as cruces serviam para commemoração de acontecimentos notaveis, e eram algumas d'ellas mais ou menos ornamentadas.

\*

Das diversas especies de cruces temos exemplos entre nós.

Não falando nas cruces dos cemiterios ou dos logares onde se fizeram enterramentos temos:

A *Cruz das Vendas* (em Azeitão) que é antiga, floreada, tendo numa parte a imagem de Christo crucificado, na parte opposta a imagem de Nossa Senhora, e no pé, que é oitavado, uma inscripção<sup>1</sup>. Foi ella levantada por um cavalleiro para recommendar á piedade do viajante a sua memoria.

Na praia de Belem, defrontando o templo do mosteiro de Belem, existiu, segundo a tradição, até 1836, *um cruzeiro* que commemorava a partida de Vasco da Gama para a descoberta da India e marcava o sitio em que se fizera o embarque<sup>2</sup>.

O *Padrão de Arroyos* mandado levantar pelo Senado da Camara de Lisboa, no largo de Arroyos, ainda então arrabalde da cidade, para memoria do logar onde El-rei D. Dinis reunira a sua hoste e de onde partira a frente d'ella para ir castigar o filho rebelde<sup>3</sup>.

O *Cruzeiro em frente da Egreja de Nossa Senhora da Lapa em Villa Viçosa*<sup>4</sup>, no sitio denominado o rocio do Carrascal.

<sup>1</sup> A inscripção vem transcripta no *Diccionario Geographico* de Luis Cardoso, tom. I e pagina 733, e é a seguinte:

*Vasco Queimado de Villalobos, fidalgo da Casa del Rey e Guarda mór que foy do Infante Dom Pedro, e Camareiro, e do Conselho dos Duques Felippe, e Carlos de Borgonha, mandou pôr aqui esta Cruz era IMCLXXVV annos. Rogae a Deus por sua alma*

<sup>2</sup> Veja-se *Vasco da Gama e a Vidigueira*, estudo historico por A. C. Teixeira de Aragão, pag. 559.

<sup>3</sup> O desenho e uma interessante noticia se encontra nos *Monumentos de Portugal*, por Ignacio de Vilhena Barbosa, pag. 479.

<sup>4</sup> No vol. V, e n.º 143, do *Occidente* vem um desenho d'esse cruzeiro e nelle se lê: «..... Entretanto um sabio antiquario explica-nos este facto, achando a razão d'elle, em ser este monumento, obra dos Duques de Bragança, cuja divisa é um dragão».

Este Cruzeiro se compõe de uma cruz de *bardilho azul*, com uma serpente alada ou dragão, que della pende, tendo na bocca uma maçã. Essa cruz está erigida sobre um pedestal de alvenaria.

Segundo informação<sup>1</sup> do Rev.<sup>o</sup> Prior da freguesia de S. Bartholomeu de Villa Viçosa, o sr. J. Espanca, erudito escriptor das antiguidades de Villa Viçosa, sua terra natal: «Esse Cruzeiro é obra dos Frades Gracianos do Convento de Villa Viçosa e é do tempo de El-Rei D. João V ou de El-Rei D. José I, tendo sido levantada nesse convento por occasião das importantes obras que então se fizeram.

Foi feita para uma cascata da cêrca do convento, onde esteve, e a água saía em dois fios pelas ventas da serpente vindo pelos furos que a cruz tem no interior.

Pelo anno de 1852 foi transferida da cêrca do Convento para o local fronteiro á igreja de Nossa Senhora da Lapa.

Por vezes tem sido oleada a serpente de verde, no dorso, e de vermelho na bocca e na lingua farpada».

Segundo o Rev.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Espanca, a serpente representa a figura do Christo crucificado para remedio das culpas dos homens como elle disse e refere S. João (Capitulo III e v.<sup>o</sup> 14)<sup>2</sup>.

\*

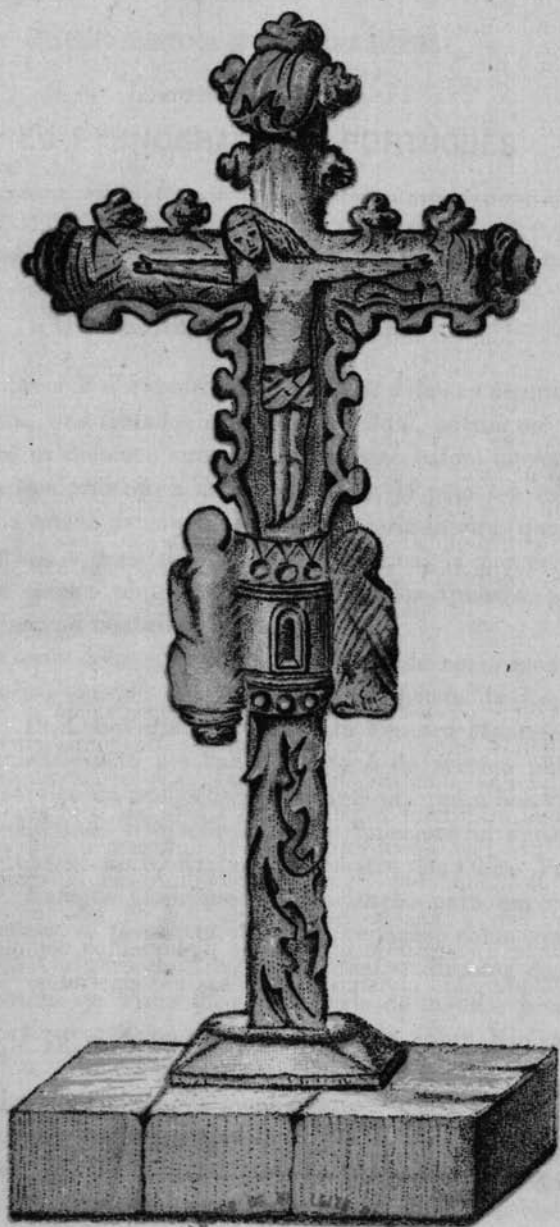
Procurar por todos os meios a conservação dos monumentos existentes nos municipios, ainda mesmo dos mais singelos, deve ser o empenho das camaras, e de todas as pessoas a quem a historia patria possa interessar, e para quem a arte não seja uma palavra vã,— a fim de não lhes acontecer o que se deu com o Padrão de Arroyos, (que foi desmanchado para ser recolhido na igreja de S. Jorge, onde não tem a mesma significação), e de não experimentarem a mesma sorte que grande numero de documentos commemorativos da fé, da piedade e do civismo dos nossos antepassados.

C. DA CAMARA MANOEL.

<sup>1</sup> Informação particular dada em maio de 1896 em carta.

<sup>2</sup> Esta historia, segundo consta e affirma o sr. P.<sup>o</sup> Espanca, não se acha ainda escripta.

O mesmo sr. P.<sup>o</sup> Espanca conheceu a cruz na cêrca dos Gracianos e ouvira de seu avô e de seu pae a narração d'ella e assistiu á sua transferencia para o rocio do Carrascal feita pelo coronel de cavallaria n.<sup>o</sup> 3, José Julio do Amaral.



BIBLIOTEC  
*A Cruz de Portugal*  
(em Silves)